

GALERIA REPUBLICANA

Editor e proprietario — JOÃO JOSÉ BAPTISTA

Director: — Magalhães Lima. — **Collaboradores:** Augusto Rocha, Alexandre da Conceição, Alves da Veiga, Antonio Furtado, Anselmo Xavier, B. Machado, Bernardino Pinheiro, Costa Goodolphim, Gomes Leal, G. Benevides, José J. Nunes, J. M. Latino Coelho, Reis Damaso, Roberto Valença, Rodrigues de Freitas, Silva Graça, Silva Lisboa, Teixeira Bastos, Theophilo Braga, Trigueiros de Martel, etc., etc., etc.

PHOTOGRAPHIAS DE ANTONIO MARIA SERRA

Numero 13

Julho — 1882

1.º anno

THEOPHILO BRAGA

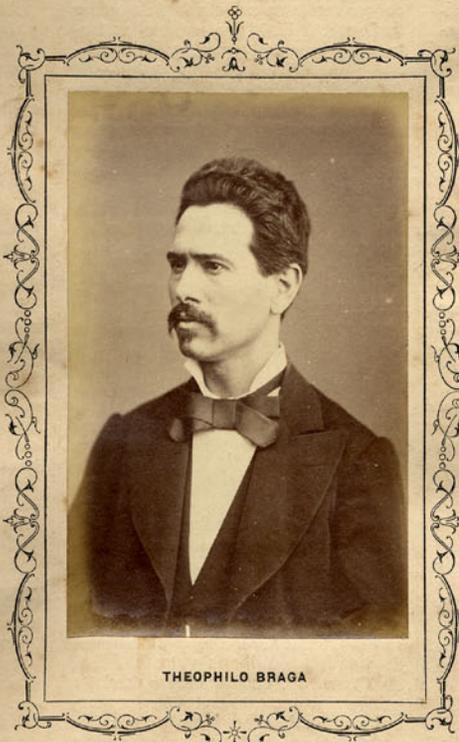
A phrase profunda de Vico — *O homem é obra de si mesmo* — sae-nos espontaneamente dos bicos da penna ao encetar-mos estes traços biographicos.

Theophilo Braga, o caracter mais energico, a individualidade mais extraordinaria que conhecemos em Portugal, é obra de si mesmo. A sua vida é um notavel exemplo do que póde a força de vontade, quando é dirigida por uma consciencia recta e orientada por um ideal superior.

Todos os obstaculos, todas as difficuldades, não são mais do que incentivos para novos esforços; o meio adverso em que surgiu, em vez de o esmagar, em vez de o submitter, como a tantos outros, sente-se de dia para dia modificado, vencido, transformado, pela acção vigorosa que Theophilo exerce ao redor de si pelos seus escriptos, pela sua palavra e pela sua conducta. E' elle o ponto central d'onde irradia todo esse movimento reorganizador, que tende a substituir os preconceitos catholicos pelas convicções scientificas, a corrupção monarchica pela moralidade social, a devassidão dos costumes pela dignidade domestica, que tende enfim a levantar a nação do estado de abatimento e de lethargia em que a precipitaram largos annos de regimen monarchico e de educação jesuitica. Grande e bem notavel é o papel que lhe cabe no seio da nossa sociedade, porque elle é o representante mais completo e mais verdadeiro das aspirações modernas. O talento, a erudição, o bom senso, e antes de tudo a forte disciplina mental que dirige o seu temperamento de ferro, deram-lhe o primeiro logar entre os contemporaneos. A sua vida é a historia da lucta gigantesca que

sustentou para alcançar esse lugar que hoje ninguém lhe contesta.

Joaquim Theophilo Braga é natural dos Açores, d'essas ilhas onde se conserva



ainda tão viva a tradição popular e o sentimento nacional de um heroico e aventureiro povo de navegadores destemidos. Nasceu em Ponta Delgada a 24 de fevereiro de 1843. Seu pae fallecido em 1871, chamava-se Joaquim Manoel Fernandes Braga e era um bravo militar; official de

artilheria, servira com lealdade a causa de D. Miguel no commando do forte dos Mosteiros, não se rendendo antes de saber da convenção de Evora Monte; ho-

mem de convicções sinceras e inabalaveis, ao vér triumphantes os partidarios de D. Pedro, deixou as armas e dedicou-se ao ensino, abrindo uma aula de nautica e mathematicas e sendo mais tarde nomeado professor da cadeira de logica e geometria no lyceu de Ponta-Dealgada; o seu amor pela instrução e a sua dedicação pela humanidade era tão sublime que não só ensinava com verdadeiro interesse os seus conterraneos, como tambem acolhia os estudantes mais pobres em sua casa e repartia com elles o pouco que tinha. Chefe de numerosa familia, enviuvou, passando mais tarde a segundas nupcias. Theophilo, sendo um dos liltos do primeiro matrimonio, começou muito cedo a experimentar os rigores de uma vida difficil e espinhosa. Perdendo a mãe em tenra idade, aos tres annos, não conheceu os carinhos que a solicitude feminina dispensa á infancia; em vez do desvello materno encontrou a animadversão da madrasta.

Aos 14 annos, quando a imaginação, exaltada pela dureza da sorte, o transportava aos mundos aereos da inspiração, viu-se obrigado a entrar n'uma typographia para adquirir, como compositor, os meios de subsistencia; das regiões dos sonhos cahiu assim bruscamente na realidade, sombria e triste, mas purificadora.

Era no trabalho rude e activo, no conflicto constante, que se devia formar essa organização excepcional de luctador; e da criança sentimentalista havia de sair o homem rijo e persistente. Como Michelet, começava a lucta pela existencia na officina typographica, e como elle, era nas

horas vagas que estudava os classicos, que lia as velhas chronicas, que meditava, que escrevia emfim os seus primeiros versos, bellas promessas de esplendido futuro.

Sob o titulo de *Folhas verdes*, sahiram á luz, em 1859, esses ensaios poeticos dos 15 annos, repassados de melancholia e de esperanza; são estrophes romanticas, mas realmente sentidas.

Seduziam-n'o horisontes mais latos; a pequena ilha em que nascera não lhe podia saciar a sede de saber que o dominava; a mente do joven poeta tinha necessidade de se desinvolver, de progredir, de augmentar a somma de conhecimentos, precisava d'um meio mais extenso para dirigir livremente os vãos da sua imaginação ao ideal que concebera. Coimbra era o ponto do continente que attrahia o seu desejo insaciavel de instrução. Tinha 18 annos quando em 1861 abandonou a terra natal na proa de um navio, em demanda da Europa. Trazia para o continente apenas uma tenacidade, uma energia pouco vulgar, que era a sua herança paterna, e uma lucidez de espirito admiravel, que o havia de levar a descobrir o verdadeiro norte no meio anarchico em que se decompunha o corpo social.

Tendo feito exame de algumas disciplinas no lyceu de Ponta Delgada, Theophilo Braga foi continuar em Coimbra os preparatorios e matricular-se no curso de direito; ao mesmo tempo que estudava, tinha de ganhar a vida pelo trabalho. O illustre açoriano era de uma actividade assombrosa; compunha, escrevia *sebentas*, acompanhava as lições nas aulas, seguia com interesse o movimento litterario contemporaneo, e ainda lhe ficava tempo para consagrar alguns momentos á poesia.

A academia estava n'uma das suas epochas mais brillantes de effervescencia litteraria e critica: Byron, Musset, Victor Hugo, Quinet, Michelet, Proudhon, Hegel, Kant, Vico, tantos e tantos prosadores e philosophos, eram lidos, discutidos, imitados; a metaphysica revolucionaria, o naturalismo pantheista, as utopias societarias embriagavam todos os cerebros; as ideias generosas e scintillantes dos grandes propandistas do novo credo achavam ecco nos corações dos moços academicos; muitos talentos eram victorizados e tornavam-se o alvo de geraes admirações, como João de Deus, Anthero do Quental, e tantos outros, que depois se inutilisaram na bohemia litteraria, na indolencia mystica ou no parasitismo official.

Theophilo Braga, com a rigidez do seu caracter, a sua honestidade e o seu bello talento, surgiu entre os mais avançados.

A *Visão dos tempos*, publicado em 1864 causou uma sensação indiscriptivel. Bravos e applausos espontaneos rebentaram de todos os lados. A litteratura official curvou-se deante do fogoso poeta. Os salões da burguezia opulenta abriram-se-lhe como por encanto. Foi um triumpho.

Theophilo não se deixou envolver nas nuvens de fumo que lhe levantavam em volta; não o seduziram as bajulações e os incensos. Proseguiu no trabalho. A *Visão*

dos tempos succedeu-se um novo livro — *Tempestades sonoras*. Era a continuação de um vasto plano, a que ainda pertencem a *Ondina do Lago* (1866), *Torrentes* (1869) e *Miragens seculares* (no prelo).

E' uma epopeia da humanidade composta de uma serie de myths conscientes, concebidos pelo poeta como a representação synthetica de todas as epochas da evolução historica. «O seculo actual, escreveu Comte¹, será principalmente caracterizado pela preponderancia irrevogavel da historia em philosophia, em politica e mesmo em poesia». E n'outro logar disse: «A arte nova ver-se-ha chamada a fazer reviver dignamente todas as edades anteriores, das quaes algumas sómente estão já bastante idealizadas, sobre tudo por Homero e Corneille. Esta serie quasi inexgotavel de novas creações, epicas ou dramaticas, ligar-se-ha profundamente de uma parte ao conjuncto da educação positiva e de outra ao culto systematico da humanidade, para facilitar a apreciação e secundar a glorificação de todas as phases sociaes²». Theophilo Braga tenta a realização d'esta concepção positiva da Poesia; começada ainda sob a influencia da metaphysica hegeliana, foi comprehendida com mais clareza desde que conheceu a doutrina philosophica de Comte. A *Visão dos tempos* é, portanto, um esboço da epopeia cyclica da Historia, dividindo-se em tres cyclos — da fatalidade, da luta e da liberdade, nos quaes se revela a consciencia humana através da sua evolução. A Historia, como a definiu Michelet, — a luta da liberdade contra a fatalidade — é o elemento d'esta grandiosa trilogia.

As ideias são sempre originaes e de uma inspiração exuberante; as estrophes sonoras, cadentes, enchem o leitor de entusiasmo. Estes poemas e as *Odes modernas* de Anthero do Quental proclamaram a revolução na litteratura; Castilho que no primeiro momento applaudira o arrojo dos poetas novos, comprehendeu em breve que a escola de Coimbra vinha destruir o seu pedestal e no prologo ao *Poema da mocidade*, de Pinheiro Chagas, levantou o grito de alarma contra a ousadia dos rapazes que não se submettiam ao seu pontificado. Eis a origem da famosa *questão coimbrã*, na qual tomou parte Theophilo Braga, com o vigoroso pamphlet — *Theoracias litterarias*, rompendo d'uma vez para sempre com a pedanteria official. Castilho e os seus adeptos faziam-lhe uma guerra desapiadada e desleal: não se contentando com os ataques pela imprensa, moviam-lhe perseguição surda e miseravel, cercavam-lhe os meios de vida fechando-lhe as portas do *Journal do Commercio*, onde o illustre escriptor publicava os seus excellentes *Contos phantasticos*, reunidos depois em volume.

Envolto na sua batina amarellecida e velha, sem protecções, vivendo n'um pequeno quarto pago com o ensino, traduzindo Chateaubriand para se alimentar, passando mesmo algum tempo com sessenta réis diarios, Theophilo Braga concluiu o curso de direito e em 1868 defen-

dia theses e tomava capello, a pedido da propria faculdade, que tinha por elle a mais justa admiração. Mas dois annos depois, esquecendo formaes compromissos e desprezando o verdadeiro merito, a faculdade preteriu-o por nullidades que deviam a formatura ao trabalho e a protecção do distincto escriptor. Já a este tempo havia constituido familia, casando no Porto no mesmo anno do seu doutoramento, com uma senhora de intelligencia superior e de apreciaveis virtudes, e encontrara no lar a felicidade que lhe retemperava o caracter, multiplicando-lhe a energia dispendida na luta pela existencia.

Ao mesmo tempo que realisava a sua elevada concepção poetica e ainda durante a frequencia das aulas, ia estudando e colligindo as tradições populares e dava a lume os resultados dos seus trabalhos na *Poesia do Direito* (1865), no estudo sobre os *Floraes* (1868) e nos cinco volumes do *Cancioneiro e Romanceiro geral portuguez* (1867-69.) Esta obra importantissima foi a origem d'um grande monumento litterario, que planeou desde logo e que começou com fervoroso impeto, dando nos primeiros annos dez volumes, e continuando-o com algumas interrupções consagradas a outros trabalhos.

Referimo-nos á *Historia da Litteratura portugueza* (1870-80), hoje quasi concluida, e que é incontestavelmente uma obra gigante de critica e de historia, segundo os processos modernos, encerrando uma copiosa serie de factos, colligidos com extrema difficuldade e analysados á luz de um criterio superior.

Estava já publicada uma boa parte da *Historia da Litteratura portugueza* quando foi a concurso a cadeira de litteraturas modernas do Curso superior de letras. Apresentaram-se tres candidatos: Pinheiro Chagas, Luciano Cordeiro e Theophilo Braga. O primeiro tinha todas as probabilidades de triumpho, porque pertencia ao mundo official, como protegido do paço, deputado do governo, litterato elogiado por Castilho, director do orgão do ministro do reino; e a grande maioria do jury compunha-se de monarchicos ferrenhos e academicos enfatuados. As provas publicas, effectuadas na presença de um auditorio illustrado, deram a supremacia a Theophilo Braga, que com alevantada erudição, criterio firme e argumentação arrojada arrebatou a assemblea e os proprios membros do jury.

Ao recolher-se este para deliberar, Castilho, o rancoroso inimigo de Theophilo, ainda pertendeu entrar no gabinete e exercer pressão no animo dos jurados, mas Augusto Soromenho oppoz-se energica e dignamente ás suas ousadas intencões e obrigou-o a retirar-se. A decisão do jury, aclamando Theophilo Braga professor, foi lida no meio dos maiores applausos e do mais delirante entusiasmo. Era a primeira consagração solemne da sua tenacidade no trabalho.

Entrando para o Curso superior de letras, em 1872, abriu uma nova epocha na sua carreira. O *Curso de philosophia positiva* de Augusto Comte, cahindo-lhe casualmente nas mãos, foi o incentivo da sua renovação mental. A espantosa som-

¹ *Systeme de Politique positive*, t. II

² *Idem*, t. I, pag. 305.

ma de factos, accumulados, por uma forma mais ou menos metaphysica e descoordenada, no cerebro do profundo escriptor, recebeu em cheio a luz do methodo positivo e encontrou a sua ordem natural e hierarchica. Deu-se uma transformação notavel. Theophilo Braga com a sua tenacidade incomparavel submetteu-se a uma longa e penosa tarefa intellectual, estudando successivamente, em tratados especies, as sciencias abstractas que entram na constituição da philosophia positiva. Subordinados a este ponto de vista, os novos trabalhos do erudito professor adquiriram maior clareza e precisão e tornaram-se de dia para dia mais valiosos e importantes. Theophilo continuou a sua *Historia da Litteratura portugueza* dando á luz os volumes sobre *Camões e a sua escola* (1873-75), o estudo interessantissimo sobre a *Vida e a epocha de Bocage* (1876), e no anno findo a excellente *Historia do Romantismo*. A' proporção que escrevia um novo volume d'este monumento os horizontes alargavam-se, os factos augmentavam de importancia, as conclusões tornavam-se mais solidas, as syntheses eram mais atrevidas.

Publicava ao mesmo tempo, com destino ás escolas, uma *Grammatica elementar* segundo os processos modernos da philologia, um *Manual da Historia da Litteratura portugueza* (1873) a *Ontologia portugueza* (1876) e o *Parnaso portuguez moderno* (1877); e dava diversas edições criticas das obras de Camões e de Bocage, do *Cancioneiro da Vaticana*, etc. Esta ultima obra é um trabalho extraordinario de interpretação critica, que difficilmente pôde ser avaliado.

O distincto professor despendia ainda por outras formas a sua actividade a favor da instrução nacional. Nomeado para o jury dos exames secundarios, enviava ao governo notaveis relatorios, em que descrevia o lamentavel estado da instrução publica; e desejando o desinvolvimento do ensino superior, promovia a fundação das cadeiras de *sanskrito* e de *philologia* para serem regidas pelos illustres especialistas, srs. Vasconcellos Abreu e Adolpho Coelho.

Em 1879 encetou Theophilo Braga uma nova ordem de estudos com a publicação dos *Traços geraes de philosophia positiva*, arrojadissima comprovação da doutrina philosophica de Augusto Comte. A este livro seguiu-se o primeiro volume da *Historia Universal* (1879), principio de um tratado monumental de sociologia concreta, que o distincto professor tem em via de execução. Nos tomos publicados occupa-se por uma forma realmente notavel das velhas civilizações dos Egyptios, Chaldeos, Assyrios e Babilonios, e faz a historia da Judéa, da Phenicia e da Arabia. Seguir-se hão as civilizações indo-europeas, desde os Aryas e Persas até aos tempos modernos.

Os *Traços geraes de philosophia positiva* e a *Historia Universal* são os livros mais notaveis que no campo da philosophia e da sociologia, têm sido escriptos em lingua portugueza e marcam um periodo luminoso no desinvolvimento intellectual do nosso paiz.

O nome de Theophilo Braga achando-se ligado á renovação poetica, á introdução dos estudos criticos e ao advento da philosophia positiva, em Portugal, está tambem unido ao movimento politico de reorganisação que se vem dando entre nós. Desde o começo da sua carreira, Theophilo mostrou-se inimigo irreconciliavel das instituições monarchicas; em todos os seus trabalhos affirmava ousadamente as suas ideias e mesmo nas provas publicas do concurso para a cadeira de litteratura declarou com franqueza as suas convicções democraticas.

Mais tarde quando appareceu em Lisboa o *Rebate*, escreveu alguns artigos de fundo para este semanario federalista, e em 1875, ao fundar-se o *Centro republicano democratico* filiou-se n'elle. As dissidencias levantadas no seio d'este grupo politico pelos elementos monarchicos enfraqueceram o novel partido; os republicanos sinceros e convictos foram expulsos, ou, desgostados pelas intrigas de regeneradores e reformistas, retiraram esperando melhores tempos. Foi d'este numero Theophilo Braga que se conservou afastado das lides politicas, até que, em 1878, os dissidentes d'aquelle centro, juntamente com elementos novos, quasi todos federaes, se agruparam e lhe offereceram a candidatura a deputado pelo circulo 94. O sabio professor iniciou então a formula politica do *mandato imperativo*, garantia moralisadora do suffragio. N'este documento assignado pelo candidato e pelas commissões eleitoraes do circulo, consignaram-se as ideias e aspirações do partido republicano federal: *liberdade de consciencia, liberdade de ensino, liberdade de imprensa, liberdade de cultos, liberdade de reunião, direito de propriedade, liberdade de industria, liberdade de trafico e liberdade de contracto*. O candidato compromettia-se a manter a independencia absoluta dos partidos monarchicos, a discutir as medidas legislativas segundo o criterio republicano, a apresentar projectos de lei subordinando-os a um exame previo das commissões eleitoraes e a dar uma conta retrospectiva aos eleitores no fim de cada epocha da legislatura. Theophilo Braga sustentou e desinviou este programma politico em successivos comicios nas diferentes freguezias do circulo, e desde então ainda não abandonou um só instante a brecha. E' sempre o primeiro na lucta. Com a sua firmeza de caracter, as suas convicções scientificas, a austeridade incorruptivel do verdadeiro apostolo, não hesita no caminho que tem de seguir não vacila diante das probabilidades do triumpho obtido com alianças hybridas, não transige com os adversarios, não se curva a imposições de especie alguma.

Os principios acima de tudo. Os homens passam, cahem, morrem e as ideias, sempre puras, sempre immaculadas, ficam, espalham-se e vencem.

O partido republicano encontrou em Theophilo Braga o seu chefe natural; é o primeiro entre os primeiros dos correligionarios. Poucos o egualam na sinceridade de convicções, raros no desinteresse e na abnegação, nenhum na capacidade intellectual e na tenacidade.

Filiando-se no *Centro republicano federal*, de que é presidente, não deixou ainda um só momento de combater a monarchia e o catholicismo, esses dois aliados, inimigos irreconciliaveis das sociedades modernas. As *Origens poeticas do Christianismo* (1880), a *Dissolução do systema monarchico constitucional* (1881) e tantos outros livros são armas de combate. Com a penna e com a palavra, como o pedreiro com a picareta e o camartello, derroca, esmigalha, anniquila os altares dos deuses e os solios dourados dos reis. Nos comicios populares, nas reuniões politicas, nas conferencias doutrinarias, nos jornaes republicanos, em uma infinidade de volumes, nos actos de registro civil, por toda a parte emfim, tem deixado bem accentuada a sua passagem na sociedade contemporanea, como o raio que ao entrar n'uma habitação funde os metaes, estraga os moveis, parte os vidros e assombra os moradores.

A vasta colleção dos seus artigos politicos, publicada em volumes sob o titulo geral de *Soluções positivas da politica portugueza*, é uma obra magistral. N'ella estuda o nosso meio sob o ponto de vista scientifico, como o medico dissecta um cadaver nas mesas dos hospitaes; vê, observa e descreve as verdades nuas e crúas com a coragem e o valor que lhe dá a consciencia de que tem pelo seu lado a justiça. São realmente os livros mais revolucionarios que têm vindo á luz em Portugal; n'elles dizem-se as cousas pelo seu verdadeiro nome, sem hesitações, nem reticencias; a verdade brilha como a luz do sol n'estas paginas vibrantes; ha, por vezes, a indignação salutar do homem, ha sempre o raciocinar frio e lucido do sabio.

E ao terminar um d'esses artigos, que saíram primeiramente na *Emanipação*, na *Vanguarda*, no *Seculo*, etc., ou ao findar uma preleção politica, depõe a penna ou recolhe a casa, com a consciencia tranquilla, satisfeito por ter cumprido um dever, arremessando a sociedade que se esphacela, mais uma barrica de polvora ou uma bomba de dynamite; e então é realmente sublime vel-o ao lado da esposa, entreter-se, nas funcções de carpinteiro ou serralheiro, a fabricar brinquedos para os filhos, duas interessantes crianças, muito intelligentes, que recebem uma educação toda moderna, sem preconceitos religiosos.

Como Diderot, em França, no seculo passado, era a alma dos encyclopedistas; tambem Theophilo Braga, na nossa sociedade contemporanea, espalha os germens de todo o desinvolvimento intellectual. Quando passa nas ruas da cidade, um tanto curvado, modesto, quasi desapercibido, perdendo-se na multidão, fallando cordealmente aos que se approximam d'elle, apertando a mão callosa do operario com a mesma franqueza com que aperta a do aristocrata, conversando sobre particularidades de qualquer arte ou officio, como se o exercesse; ninguem dirá que aquelle organismo encerra o cerebro mais potente, mais forte, melhor orientado, que está alli o maior poder espirital da nacionalidade portugueza. E no entanto é esta a verdade.

Eis uma prova: — O tricentenario de Camões.

A commemoração grandiosa do grande épico é a obra mais extraordinaria e collossal de Theophilo Braga. Foi, com effeito, elle o unico auctor das festas civicas de 1880, festas, que se repercutiram em todo o mundo, onde chegou um dia o nome de Portugal. O illustre professor desde 1873, começara a propagar a ideia sympathica da glorificação do poeta dos *Lusitadas*; em cartas para o estrangeiro, nas lições do curso superior de lettras, em conversas particulares, foi lançando a semente que se desenvolveu pouco a pouco, até que em 10 de junho de 1880 se colheram os fructos soberbos e opimos nas ruidosas festas e nas innumeradas publicações do tricentenario. A acção de Theophilo Braga foi bem evidente, mas elle metteu-se na sombra, occultou-se modestamente detraz da commissão da imprensa, e d'ahi, gurtando-se ao agradecimento publico, gosou como simples comparsa o effeito sumptuoso da sua obra. Era, na verdade, feliz por ver a força de uma ideia.

D'esta gloriosa commemoração deriva ainda outra ideia que não ha de ser menos fecunda em resultados apreciaveis para o desenvolvimento nacional. E' o *Congresso das associações portuguezas*, que se reúne annualmente no dia 10 de junho, e cuja iniciativa pertence tambem a Theophilo Braga.

E como estas, hão de triumphar todas as ideias do eminente cidadão, porque as sociedades humanas transformam-se incessantemente e os homens não podem ser um obstaculo incessante á marcha do progresso.

Theophilo Braga na sociedade moderna é a revolução: revolução na arte, na historia, na critica, na philosophia, nos costumes e nas formulas sociaes. E' a esperança do futuro nacional.

TEIXEIRA BASTOS.

Perseguições

Com esta epigrapha apparecem diariamente noticias, que, pela sua continuação, parecem o estado normal da politica do nosso paiz, e entre tanto as perseguições postas em pratica, durante este periodo que tem decorrido desde 1846, são apenas os preliminares das perseguições que devem succeder, n'uma época mais ou menos futura, e que pôde não vir longe; essas hão de necessariamente ter o caracter que tem sempre apresentado, logo que se manifesta a razão e a justiça, que tem os povos de reagirem contra as prepotencias da autoridade, quando esta conhece que lhe falta o apoio da nação.

E' pois preciso, que essa autoridade saiba, que o povo tem hoje sufficiente conhecimento do que lhe está reservado, antes do seu triumpho, assim as perseguições d'este ultimo periodo constitucional vão ser as mesmas que se deram no estado normal do absolutismo, para com os constitucionaes, mandando-os encarcerar, deportar, fusilar ou enforçar.

Ha ainda uma differença, na forma de tolher o movimento d'aquella época e a que hoje forma a opinião geral dos nossos administradores, para obstar ao triumpho da causa republicana, de que o governo constitucional monarchico é apenas uma variante do absolutismo.

Hoje não serão castigados com o fuzilamento ao ar livre, que custou a vida de 14:363 portuguezes desde o dia 19 de julho de 1832 até 16 de abril de 1834.

Hoje não se vingarão de nós como se vingaram uns dos outros no dia 13 de março de 1839.

Os constitucionaes de hoje tem estudado outro systema, e tiveram tempo para construir uma penitenciaria onde se possa assassinar impunemente, e sem que se ouçam os lamentos da victima; levantaram um baluarte na serra de Monsanto, não para defender a patria do estrangeiro (bem aviados estávamos nós, quando as ballas d'aquella fortaleza ferissem um exercito castelhano!) mas que foi construido para que ao exercito constitucional, não succedesse o que succedeu ao absolutista que se achou desabrigado no Campo Grande em 1833.

D'esta vez a côrte não iria embarcar em Sines, não; só deixará o paiz quando a capital estiver bem arrazada, quando os seus soldados se tiverem revoltado, e quando as massas populares das nossas provincias, vierem impor pela força, a justiça e a razão, que por direito lhes pertence.

Então essa corte irá pausadamente embarcar n'um pimpão, levando as joias e as alfaias que lhe restarem para se locupletar na terra do exilio, ufanando-se que só sahira, deixando-nos individuos e com as propriedades em ruinas: *aprés moi le deluge*, é a maxima real.

Mas quanto mais dolorosa fôr a nossa perseguição mais brilhante será o nosso triumpho, e a nossa victoria.

Sobre essas ruinas construiremos a verdadeira Liberdade, Igualdade e Fraternidade, sem construirmos nenhuma segurança material para a Republica, porque essa segurança está na consciencia nacional, que saberá espurgar os males da sociedade não com torturas mas com a Lei.

M. A. SANTOS.

SEJAMOS BONS!

Ó triste soffredor, ó povo que a desgraça
Supportas noite e dia em teus albergues pobres,
Porque vaes tu sandar o regio algoz que passa
E a torpe multidão dos seus lacaios nobres?

Não sabes tu que o rei nos paços perfumados
Só ouve o suspirar das jovens Messalinas,
Que tecem mundos d'amor nos labios delicados,
Onde ha frescor igual ás brisas matutinas?

Se a fome te visita, e tu olhando os filhos
Descelegos, semi-nus, compinges com teus brados
Um rei não os escuta! A voz dos maltrapilhos
Não pôde commover os grandes sclerados!

O Bem não hade vir do um rei, da magestade
Que forja os teus grilhões; que ha seculos conspira
Contra o bello Ideal — a meiga Liberdade
A que eu consagro os sons da minha pobre lyra!

Mandemos, pois, o rei tomar uns ares novos,
P'ra que elle sinta n'alma os germens da alegria,
Que aos tyranos fugiu nas horas em que os povos
Fielaram no horizonte a luz de um novo Dia!

REKARRADO.

CHRONICA

Meu bom amigo: — A chronica de hoje será triste e monotona, como um cypreste. Os lamentos da miseria ouvem-se em toda a parte. Estamos atravessando uma crise gravissima. O governo escandalisa o paiz com o seu proceder torpe, immoral e incorrecto. Além d'isso o povo não tem que comer; e, quando a fome entra pela porta, os tiros sahem pelas janellas. Estamos nas mesmas circumstancias de 1848. Então gritava-se — *ou pão ou chumbo*. Hoje exclama-se — *ou pão ou republica!*

É certo, porém, que o thesouro está eshausto, e que a monarchia nada mais pôde dar a comer, porque está rodeada de glutões e de famintos, que lhe sugam a ultima gota de sangue. Em taes circumstancias, e por isso que o pão escasseia, a revolução tornar-se-ha dentro em pouco, um facto real e positivo, que a ninguém será licito negar ou evitar.

Que comedia tudo isto, meu caro!

Está em via de se votar a salamancada, uma torpeza sem equal nos annaes dos escandalos portuguezes. Era preciso pagarem-se os favores eleitoraes. Depois, tinha-se gasto enormemente, quando a realza esteve no Porto pela ultima vez. Era forçoso recompensar os festeiros. E para isso se inventou essa abominavel cousa do syndicato, que o governo e o rei querem que passe *custe o que custar*.

Pois que passe a *cousa*, que nós faremos depois o que muito bem entendermos e quizermos...

O que ninguém poderá nuca abafar — nem reis nem papas! — é a corrente da opinião publica, que os ha de esmagar a todos esses traficantes, sem sciencia nem consciencia. O que se não evita é a fome, que lavra por toda a parte, o mal estar que é geral e profundo.

Posto isto — que façam o que entenderem.

Uma agradável noticia. Alexandre da Conceição, aquelle bravo escriptor, que tu conheces, acaba de publicar um esplendido livro, intitulado — *Notas* — que te recomendo ardentemente. É uma obra prima, uma obra elevada, de ultimo seguro e juizo são, que deves apressar-te em lêr.

Não te esqueças.

Meu amigo: — estou muito cansado, cheio de calor e com saudades do campo. Não quero enfiar-te mais. No numero seguinte fallaremos.

SILVIO.

No proximo numero daremos o retrato do sr. dr. Alves da Veiga.